

TRIBUTO A UM LEGADO VOLTADO AO FUTURO

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. *O universo conceitual de Milton Santos*. Curitiba: Editora CRV. 2020. 216 p.

É um prazer e ao mesmo tempo uma responsabilidade enorme rese-
nhar mais um livro de autoria de Pedro
Vasconcelos, que já tem uma larga
trajetória de sólidas contribuições
para a geografia humana brasileira e
para o debate dos problemas urbanos
nacionais. Nesta obra, Vasconcelos
elabora um excelente roteiro analítico
sobre a trajetória intelectual – bio-bi-
bliográfica – do ilustre geógrafo
Milton Santos. Não é uma empreitada
fácil, dada a densidade e comple-
xidade do pensamento de Santos,
e também de sua inalcançável proli-
ficidade acadêmica, derivada de seu
trabalho de vida em prol da cons-
trução de uma geografia humana
altiva e de sua combativa posição
intelectual de base latino-americana
e terceiro-mundista.

O livro de Vasconcelos está equi-
libradamente dividido em duas partes
e cinco capítulos. Elenca nas referên-
cias ao final 174 obras, com destaque
para a própria produção do professor
Milton Santos: ao todo são detidamente
analisadas 72 obras autorais (princi-
palmente livros e artigos acadêmicos),
nove livros coorganizados e uma série
de outros livros e textos de autores
que de alguma forma se debruçaram
sobre este riquíssimo patrimônio da
inteligência brasileira e latino-ameri-
cana. Para o estabelecimento de suas
balizas temporais e contextualizações,
foram especialmente importantes os
livros organizados por Maria Adélia
de Souza e Maria Auxiliadora Silva,
assim como a tese de doutorado de
Flavia Grimm. Para algumas de suas
chaves de interpretação da obra de

Milton Santos, o autor se valeu de outro importante livro, escrito por Antonio Carlos Robert Moraes.¹ Vasconcelos utilizou com precisão também as entrevistas concedidas por Santos em vida, nas quais muitos aspectos de seu percurso podem ser melhor esclarecidos ao leitor.

O livro é em grande parte descritivo e preciso com datas, obras, dados fatuais, mas também com as impressões que Vasconcelos faz de caráter mais “qualitativo” da obra de Santos. Como registra o autor nas conclusões, sua intenção foi redigir um “livro de consulta”, que procura trazer “uma visão de conjunto dos principais textos” de Milton Santos. Trata-se de mais do que isso.

O livro pode ser entendido a partir de uma analogia aos três principais tipos de tempo da ação humana: passado, presente e futuro. Na parte I, intitulada “Vida e Obra”, Vasconcelos remonta com detalhes o rico passado biobibliográfico de Milton Santos, indicando informações importantes sobre seus contextos de vida (as cidades onde residiu, as instituições em que trabalhou) e interlocutores e acadêmicos com

quem constituiu seus principais debates e propostas para a geografia.

Fica patente a importância central da geografia francesa tradicional na formação inicial de Milton Santos, com destaque especial para a influência de Jean Tricart, geógrafo marxista que orientou seu doutorado na Universidade de Strasbourg (França), entre os anos de 1958 e 1959. Os temas de pesquisa de Santos à época (até o ano de 1964) eram muito ligados aos problemas “regionais” de seu estado de nascimento – a Bahia –, sendo a Geografia Urbana e o planejamento questões que se sobressaíam nesta fase. Vasconcelos mostra que não há nessa etapa da trajetória de Santos uma preocupação explícita em relação ao debate “teórico” na Geografia (preocupação que vai paulatinamente se tornando sua principal busca nas universidades em que trabalhou); porém, ao mesmo tempo, é quando Santos adquire uma formação extremamente sólida, com um conhecimento profundo e rigoroso das principais obras clássicas da Geografia, principalmente francesas, mas não só.

Após sua prisão pela ditadura militar em 1964, teve um princípio de infarte no cárcere, o que o levou à prisão domiciliar. Nesse contexto, Santos se

1 Antonio Carlos Robert Moraes, *Território na Geografia de Milton Santos*, São Paulo: Annablume, 2013.

exila na França, por onde se inicia um riquíssimo período internacional de seu itinerário como professor e pesquisador, quando leciona em diversas instituições de ensino superior na Europa, África e Américas, mas principalmente três das mais prestigiadas universidades francesas: Toulouse, Bordeaux e, finalmente, Sorbonne (atual Paris I). No exterior, reforça sua preocupação com os problemas estruturais do Brasil, e amplia seus conhecimentos para além da geografia, tendo como preocupações centrais a questão do Terceiro Mundo, da pobreza e a necessidade de crítica dos cânones teóricos produzidos e difundidos a partir dos países do centro do sistema capitalista. É justamente a partir dessa crítica a autores do *establishment* das universidades europeias e norte-americanas que são produzidas duas de suas mais importantes obras: 1. *Le Métier du Géographe* (1971), onde estabelece uma corajosa crítica à geografia francesa que o formou, obra que o consolida também como um dos principais geógrafos engajados nos estudos das causas do subdesenvolvimento, livro traduzido no Brasil em 1978, com o título *O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo*; 2. *L'Espace Partagé* (1975),

onde elabora uma teoria original para se explicar a urbanização dos países periféricos (a “teoria dos dois circuitos da economia urbana”); esta obra, por sua vez, viria a ser traduzida e publicada no Brasil, também em 1978, sob o título *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*.

Outro ponto alto da obra de Vasconcelos é o registro da incrível prolificidade de Santos em sua volta ao Brasil após seu exílio: são quatro livros lançados em 1978, dentre os quais *Por uma Geografia nova*, base para a gênese da geografia crítica brasileira no Encontro Nacional de Geógrafos, realizado em Fortaleza no mesmo ano, três livros em 1979 e mais quatro entre os anos de 1980 e 1982. A partir da instalação de Santos no Departamento de Geografia da USP, em 1983, Vasconcelos destaca que o autor encontra boas condições de trabalho e divulgação de sua produção acadêmica, o que lhe permitiu aprofundar a busca pela renovação da ciência geográfica, através da criação de uma teoria crítica e, a partir dela, de uma metadisciplina original e atualizada. Também por este motivo, Vasconcelos faz *jus* ao livro que pode ser considerado como o principal

legado de Santos para a Geografia e as Ciências Sociais contemporâneas: *A natureza do espaço. Técnica e tempo, razão e emoção*, de 1996. Ali está sistematicamente desenvolvida sua teoria crítica da Geografia, fundada principalmente numa sólida e inovadora definição da categoria “espaço geográfico”, e que serve de base para a reflexão sobre problemas civilizacionais contemporâneos tão importantes, como a globalização, o poder das grandes corporações, as redes, a informação, a pobreza, e os instrumentos que temos à nossa disposição para não só pensar o mundo atual, mas também transformá-lo.²

Destacamos ainda que, no capítulo 4, Vasconcelos estabelece uma análise ampla dos principais conceitos e categorias que fazem parte da produção teórica de Milton Santos: é nesta parte do livro que nos parece serem encontrados os elementos do presente e do futuro do legado de Milton Santos. É possível identificar neste capítulo uma das características centrais do processo criativo do

2 Fabio Betioli Contel, “Milton Santos” in Luiz Bernardo Pericás e Lincoln Secco (orgs.), *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados* (São Paulo: Boitempo, 2014), pp. 393-409.

geógrafo baiano: partir da releitura de categorias e conceitos “tradicionais” da Geografia, com dois intuitos principais: 1) atualizá-los criticamente, ressignificando as categorias com os conteúdos e problemas do tempo presente; ou 2) deixá-los de lado, diminuindo seu protagonismo em suas propostas explicativas.

Possivelmente, o principal caso de atualização crítica de categorias tradicionais empreendida por Santos é seu conceito “meio técnico-científico informacional”, pois aqui ele reconfigura uma categoria antediluviana da Geografia (a categoria “meio”) com os conteúdos que julgava centrais para o entendimento deste mundo em que estamos imersos atualmente (a ciência, a técnica e a informação). O capítulo 4 permite também aos leitores identificar como foram sendo incorporadas novas expressões ao seu vocabulário explicativo, algumas das quais o próprio autor criara (como é o caso de “verticalidades” e “horizontalidades”, “tecnosfera” e “psicosfera”, e o já mencionado “meio técnico-científico informacional”).

No capítulo final, onde o autor trata da “difusão das ideias” de Santos, o texto não perde sua solidez, e apresenta

uma minuciosa recuperação de vários eventos que atestam o enorme prestígio intelectual de que Milton Santos desfrutou ao final de sua vida. São incontáveis as distinções acadêmicas (doutor *honoris causa*, professor emérito, seminários e livros em sua homenagem) e os reconhecimentos não acadêmicos (concedidos principalmente por órgãos de imprensa e associações da sociedade civil dos mais diversos tipos) recebidos por Milton Santos, galardões que se intensificaram depois daquela que provavelmente foi sua maior honraria, o *Prêmio Vautrin Lud*, em 1994.

Estes são alguns dos atributos centrais desta obra que faz uma cuidadosa análise da trajetória intelectual de Milton Santos. Para além de preciso e exaustivo em sua pesquisa de base, Vasconcelos é também elegante em suas críticas ao grande geógrafo, o que torna o livro também um tributo ainda maior a Milton Santos, a um legado que nos permite entender o presente e enfrentar o futuro. Trata-se, portanto, de um livro inescapável para aqueles/as que procuram uma introdução circunstanciada a este patrimônio atualíssimo do pensamento social brasileiro.

Fabio Betioli Contel  

Universidade de São Paulo

doi: 10.9771/aa.v0i67.55009